

Cultura Corporal: busca desalienada por qualidade de vida

Rosirene Leme Beraldi Gottardi*

Como a sociedade trata o corpo das pessoas? Como cada pessoa trata seu próprio corpo?

Essas questões remetem à compreensão de como a dinâmica social influencia a construção do corpo de cada um, as relações humanas e conseqüentemente a própria qualidade de vida. Nesse sentido, o corpo é definido como “relativo e absoluto simultaneamente, quando se busca sua identidade nas transações sinérgicas. Estas, por sua vez, acontecem em meio a perversões e emancipações, dividindo o corpo ou tornando-o único” (DANTAS, 1994).

A partir dessa definição, é importante entender o corpo das pessoas, as quais se relacionam entre si, para que desse modo seja possível também entender a reprodução da ordem social vigente e o desvelamento de suas políticas públicas.

“O corpo representa, a depender da época e do espaço, valores vigentes na sociedade. As necessidades atribuídas ao corpo têm diferentes significados relacionados à sociedade, incorporando suas especificidades, desejos reprimidos, outras vezes incentivados, de acordo com o contexto no qual se inserem” (CARVALHO, 1998: 33).

Durante muito tempo a doutrina da instrumentalização do corpo (o corpo como instrumento da alma) perpassou o pensamento de grandes filósofos antigos e medievais como Platão, Aristóteles, Epicuro, São Tomas de Aquino, Hobbes entre outros. Mas, é a partir da visão cartesiana que corpo e alma se dicotimizaram. Passou-se a atribuir um valor superior ao trabalho mental em detrimento do trabalho manual. Todo o arcabouço científico e filosófico desta visão é sedimentado por uma revolução que ocorre por volta dos séculos XVI e XVII, conduzida por pensadores como Copérnico, Galileu, Francis Bacon, Descartes, Isaac Newton, entre outros. Cria-se um modelo mecanicista; nasce um rigoroso determinismo (MEDINA, 1991).

De acordo com Morin (2002), o postulado determinista oculta o imprevisto, o novo e a invenção. O princípio da redução pode também cegar e conduzir a excluir tudo que não seja quantificável e mensurável, eliminando dessa forma o elemento humano do humano.

Coube a Merleau-Ponty trazer uma abordagem significativa de corporeidade, como a maneira específica da presença do homem no mundo. De acordo com esse autor, “o corpo não tem um papel de passividade e inércia, mas sim o de colocar-nos em contato com o outro e com o mundo” (CARMO, 2002: p 81 – 82).

Michel Foucault desmascarou os mecanismos da utilização dos corpos pelos poderes das instituições sociais (SANTINI, 1995: 41). Foucault refere que o corpo sempre foi alvo dos poderes instituídos e que a partir do século XVIII, com o desenvolvimento da racionalidade científica

desenvolve-se a concepção de corpo, primeiro como objeto-homem-máquina (que é treinado aperfeiçoado e controlado) e segundo, técnico – político, corpo inteligível integrado pela noção de docilidade (FOUCAULT, 1997 *apud* PITIÁ, MIRANDA, LIMA, GALERA 2002).

Hoje, a sociedade está intensamente marcada pela cultura da imagem. Assim, o corpo que se busca ter é como uma imagem de perfeição incitando ao narcisismo, submetendo-o como atrativo de consumo, o que implica num problema ético para a ética da estética. (DANTAS, 1994; SANTAELLA, 2004; SANTINI 1995).

Sobre as intervenções terapêuticas diretas no corpo das pessoas, vale tomar a questão do corpo reificado. “A reificação é um caso especial de alienação, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista. Significa igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes às coisas” (BOTTOMORE, 1983). Assim sendo, é imprescindível que o sujeito participe isento de qualquer alienação do seu processo de cura e da busca de melhores condições de qualidade de vida. Aceitar práticas alienadas e alienantes passivamente, bem como a homogeneização de comportamentos pautados por padrões rígidos de beleza é adormecer a capacidade reflexiva de estabelecer critérios pessoais a partir do próprio corpo.

Portanto, o profissional da saúde precisa estar atento às singularidades dos corpos, a sua expressividade, e fortalecê-las no intuito de romper com comportamentos estereotipados.

Referências Bibliográficas

- BOTTOMORE, T. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Jorge Zahar Editor, 1983.
- CARMO, P.S.D. *Merleau-Ponty: uma introdução* São Paulo: Educ, 2002.
- CARVALHO, Y.M. *O mito da atividade física*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- DANTAS M. *O corpo na sociedade Pós-Moderna*. In: Pensando o Corpo e o Movimento. Rio de Janeiro: Shape ed, 1994, pp. 97 – 108.
- MEDINA, J.P. *O brasileiro e Seu Corpo: Educação e Política de corpo*. Campinas SP: Papirus, 1991.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à Educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.
- PITIÁ, ADCA; LIMA, GDM; MIRANDA, DNAF; GALERA, FAZ. *O corpo como Locus do cuidado*. Acta Paulista de enfermagem, São Paulo, v. 15, n.1.
- SANTAELLA, L. *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANTINI, S. *Educação Física: Ética, Estética, Saúde*. Edições Est, Porto Alegre, 1995.

¹ Educadora Física e Fisioterapeuta. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Infecções e Saúde Pública da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Área de Concentração: Saúde Coletiva, Instituto de Saúde. Email: rosib.@uol.com.br